

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



TEATRO CARLOS ALBERTO
22—31 JAN 2026

qua+qui+sáb 19:00 sex 21:00 dom 16:00

ESTREIA

CLASS ENEMY

de Nigel Williams

encenação

Manuel Tur

tradução
Miguel Graça

cenografia
Ana Gormicho

figurinos
Sara Pazos

desenho de luz
Cárin Geadá

desenho de som
e sonoplastia
Joel Azevedo

direção de produção
Joana Neto

apoio ao projeto
Hugo Almeida

apoio ao movimento
Deeogo Oliveira

interpretação
Bernardo Gavina
Daniel Silva
Gonçalo Botelho
Gonçalo Fonseca
Lisa Reis
Tiago Araújo
Sérgio Sá Cunha

coprodução
11Zero2
Casa das Artes de
Vila Nova de Famalicão
Teatro Aveirense
Teatro Nacional
São João

PARCERIA CLASS ENEMY



AGRADECIMENTOS
CLASS ENEMY

Abel Parra
Bernardo Fortuna
Cassandra
Elísio Barbosa
Equipa do TeCA
João Roldão
Jorge Sobrado
Luís Porto
Marta Moreira
Paulo Pires do Vale
Ruby Kruss
Sara Barros Leitão

dur. aprox. 1:50
M/14 anos

Conversa com a Marta
24 jan sáb



O sonho concretizado do sistema

MANUEL TUR

Num espaço único estão, quase ininterruptamente, seis alunos que o sistema definiu como problemáticos. Escolhem ficar dentro de uma sala de aula, à espera de um professor que não vem. E escolhem-no porque sabem que a alternativa é pior: voltar para casa ou para as ruas, onde nenhuma esperança resiste. Partilham o mesmo espaço e – sabendo-o ou não – a mesma condição de irremediáveis. É a partir deste impasse que *Class Enemy*, de Nigel Williams, constrói um território de violência verbal, de medo e de absoluta suspensão do tempo.

O facto de o elenco ser mais velho do que os seis adolescentes da versão original não é um desvio, mas uma necessidade. Esta peça não pede juventude biológica, pede maturidade emocional. O que está em jogo não é a idade cronológica dos corpos, mas o desgaste de existências encurraladas num sistema que falhou. A sala de aula funciona como um purgatório: um lugar de passagem que

nunca se cumpre, um ciclo fechado onde se entra e do qual não se sai. Aqui, a idade deixa de ter importância porque o tempo, simplesmente, não existe. Tudo se repete, tudo retorna, e cada palavra que se diz parece já ter sido dita antes.

O peso do sistema educacional cai sobre este grupo como uma sentença. Não é um sistema que educa, mas que classifica, exclui e abandona. Estes alunos são o resultado visível de uma estrutura que prefere catalogar problemas a enfrentá-los. A ausência do professor não é apenas narrativa: é simbólica. Representa todas as ausências institucionais que moldaram estas vidas.

A verborreia violentíssima que atravessa a peça nasce de um medo avassalador do silêncio. O silêncio implicaria escuta, reflexão, confronto com a própria dor. Por isso, as personagens, entre as aulas que dão, falam sem parar, atacam, provocam, ferem. A linguagem surge como arma e como escudo.



Fim de Linha

PAULA OLIVEIRA CRUZ*

Entramos às escondidas nesta sala de aula e damos de caras com a Turma H: um “buraco negro”, sem janelas, com a porta partida, paredes fendidas e sujas, carteiras todas riscadas, como se não devêssemos estar ali. E, de facto, para o sistema, este lugar não existe; é apenas um depósito para a “gestão de resíduos”, onde o silêncio da aprendizagem foi substituído pela “ronca” de quem precisa de gritar para não se sentir transparente.

Neste cenário de destruição, a escola transforma-se no açougue moral que o Padre António Vieira denunciou no *Sermão de Santo António aos Peixes*. Tal como em Vieira, onde os homens se “comem vivos”, estes alunos sobrevivem através da humilhação mútua, num ciclo de violência onde os “grandes” devoram a dignidade dos “pequenos” como se fossem o seu “pão quotidiano”. Na sala, Ferro assume-se como o peixe roncador, aquele que utiliza a agressividade e a “ronca” para esconder a sua própria vulnerabilidade: “Eu sou a educação.” Porém, cá fora, há peixe bem mais graúdo. A “ronca” de Ferro serve para silenciar a existência de Clerasil, impedindo-o de ter uma voz própria na turma e tornando-o invisível: “Olham através de mim, como s’eu fosse transparente.” Dentro daquele microcosmos, a sobrevivência de Ferro, enquanto peixe grande, depende da anulação da dignidade do mais pequeno.

Ferro anula a voz de Clerasil porque não possui – nem permite que os outros possuam – o vocabulário para lidar com a dor ou a sensibilidade que Clerasil tenta expressar com a metáfora do gerânio.

Continuando com a alegoria dos peixes, temos os pegadores, os parasitas, as assistentes sociais, os tutores e mesmo os professores que vivem da desgraça alheia: “Nós somos o caralho do sonho concretizado de qualquer assistente social.” Estes técnicos do sistema não caçam o seu próprio sustento; eles dependem da existência do “peixe grande” (a instituição escola) e dos problemas dos alunos (“resíduos”) para justificarem os seus parcos salários. Ferro descreve estas figuras com desprezo, referindo-se a elas como “esquerdalhas da merda”, que vêm com teorias sobre o “ambiente urbano”, mas que no fundo apenas se alimentam da situação, sem nada ensinar ou mudar. Estes pegadores “urbanos”

Cada insulto, cada ameaça, cada explosão verbal é uma tentativa desesperada de afirmarem a sua existência num espaço que a nega constantemente. Não há pausas porque não há lugar para respirar. Por detrás da exuberância de cada ato de violência ou de medo, distinguimos as suas débeis tentativas de equilibrarem a percepção que têm de si mesmos. São tão óbvias a revolta e a falta de amor-próprio – porque não há espaço para que ele exista –, que se vão revelando fragmentos de sofrimento, de beleza, e do humano, que insiste em sobreviver, apesar de tudo.■

pegam-se à instituição escola, “comendo” o pouco que ainda sobra dela. No entanto, já pouco sobra: “Não há livros nem giz nem canetas nem janelas. Só nós e a merda das carteiras.”

Quando as teorias do “ambiente urbano”, as que presidem a perguntas do gênero “Como é qu’acham qu’o ambiente à vossa volta vos afeta?”, esbarram com a realidade, fogem, desistem: “A Turma H, não, por favor, não, tudo menos a Turma H. Oh, meu Deus, piedade. Piedade, meu Deus!”; “Não, por favor, a Turma H, não. A minha mulher, os meus filhos, os meus filhinhos, a minha casinha, a Turma H, não, por favor.”

A escola contemporânea corre hoje esse mesmo risco quando, em vez de uma relação educativa consistente, oferece uma sucessão de projetos desajustados, diagnósticos repetidos, intervenções avulsas e presenças fugazes que ocupam o tempo sem construir sentido, perdendo-se em projetos e projetinhos. Propostas que ignoram as idades e os contextos, que colidem com horários, conteúdos e planificações, que não implicam os professores nem devolvem resultados, que criam expectativas para depois desaparecerem, acabando por produzir anticorpos e aprofundar o cansaço coletivo. Assim, a escola transforma-se num espaço onde muitos entram, poucos permanecem e quase ninguém assume responsabilidade continuada.

Em *Class Enemy*, temos um tímido voador, o Pirilampo, que, nas irônicas palavras de Ferro, “vai fazer com que tudo valh’a pena. As palavras e a sabedoria dele vão fazer-nos crescer asas nas nossas costas estéreis”. Pirilampo ocupa exatamente esse lugar. Ao tentar impor a esperança e o gostar – “As pessoas não são más, não são. As pessoas não ficam quietas a olhar p’ra ti, a ver-te apodrecer. Porque a maior parte preocupa-se” –, num espaço dominado pela raiva e pela lógica da força, Pirilampo procura elevar-se moralmente acima da violência do grupo, mas esse esvoaçar é punido. O espancamento por parte de Ferro funciona como a queda brutal do peixe que quis voar.

A meritocracia é o “engodo de pano” com que o sistema educacional mascara a sua própria falência. Serve para iludir os voadores, disciplinar os frágeis e preservar a ficção de que a escola funciona, enquanto se alimenta da carcaça de uma instituição esvaziada da sua função formadora. Fala-se do esforço individual como se todos partissem do mesmo ponto, apagando de forma deliberada a

pobreza, a violência e a ausência de redes, tratadas como desvios ocasionais corrigíveis pela vontade. Em nome do mérito, desloca-se para os alunos a responsabilidade por fracassos que são políticos e estruturais. Assim, a meritocracia deixa de operar como princípio de reconhecimento para funcionar como dispositivo de legitimação da desigualdade, convertendo a exceção em norma e o insucesso em culpa moral. Em escolas atravessadas pelo vazio, pela agressão e pela miséria sem linguagem, exigir mérito não é exigência pedagógica: é recusa de equidade e abandono institucional mascarados de oportunidade.

Falta ainda o “irmão polvo”: a turma-modelo, montada para tranquilizar inspetores, relatórios e discursos públicos. Não existe para educar, mas para camuflar. A turma-modelo é a vitrina da instituição: uma amostra de ordem exibida como prova de eficácia e sucesso, enquanto, nos bastidores, se normalizam o fracasso, a exclusão e o abandono. A excelência deixa de ser objetivo pedagógico para se tornar estratégia de legitimação. Os “bonecos” passivos dessa turma sustentam a ficção de funcionamento saudável, enquanto os “putos reais” permanecem no buraco negro que não entra nas estatísticas. A turma-modelo cumpre, assim, uma função política precisa: protege a instituição do escrutínio real. Ao oferecer uma imagem exportável de ordem e boas práticas, absolve o sistema da responsabilidade sobre aqueles que abandona. O polvo muda de cor – e a escola continua a fingir que não trai ninguém.

Na peça, o Professor confessa a sua desistência: “Eu já desisti de miúdos como vocês.” Esta renúncia não é apenas individual; é o efeito acumulado de um sistema que substituiu a relação educativa pela gestão de resultados. Sob a pressão permanente de metas, indicadores, relatórios e dispositivos de avaliação externa, o Professor surge como o “sal que não salga”: esvaziado da substância do seu ofício, privado do tempo, da autoridade e da escuta necessários para ensinar. Quando admite “Nós não vos ensinamos, pois não? Atiramos-vos pedaços de informação – como se fossem ossos – e vocês lutam por eles”, expõe uma escola capturada pela burocracia, onde o saber deixa de ser construção partilhada para se tornar um recurso escasso, distribuído sob pressão, num cenário de exaustão docente e abandono pedagógico.

Em português antigo, o pirilampo era conhecido como *caga-lume*; mais tarde, por decência, o nome foi suavizado. Não deixa de ser significativo que, na adaptação portuguesa de *Class Enemy*, a personagem que herda o nome Pirilampo (o *Sky-light* original) conviva com outra cujo nome recupera essa mesma matriz escatológica e violenta: o Caga-Tacos. Enquanto o Pirilampo (o antigo *caga-lume*) tenta transcender o seu próprio chão – procurando sentido, linguagem, elevação moral –, o Caga-Tacos encarna o desespero capturado e moldado pelo discurso do ódio. Ridicularizado até pelo nome, diminuído no corpo e esmagado pela miséria, encontra no racismo a isca que lhe devolve uma ilusão de superioridade. Morde o engodo da extrema-direita para preencher o vazio da própria vida.

Ao culpar os “pretos” por tudo – da falta de emprego ao colapso da família –, o Caga-Tacos converte a sua condição social numa narrativa de vitimização identitária explorada pela extrema-direita. O ódio fornece-lhe aquilo que a escola e o Estado lhe recusaram: uma explicação simples para um mundo desigual e um simulacro de poder num contexto de impotência real. Trata-se do funcionamento clássico do populismo: transformar frustração social em medo dirigido, deslocar a raiva dos responsáveis estruturais para alvos racializados. Não é ignorância individual, é engenharia política. Quando a escola falha em oferecer linguagem, pensamento crítico e pertença, a extrema-direita oferece inimigos – e o medo passa a cumprir a função que a educação abandonou.

Nota pessoal

Sou professora e conheço histórias semelhantes às que atravessam *Class Enemy*. Uma das situações mais inquietantes – não a mais traumática, mas profundamente reveladora – ocorreu com uma turma de 7.º ano. Perto do final do ano, soubemos da morte do pai de um aluno. O jovem encontrou o corpo já em decomposição, e ligou à diretora de turma. Em situações como esta, espera-se um pacto tácito de paz. O que se seguiu foi perturbador: a reação dos colegas degenerou em agressão – correrias, palavrões, comentários deslocados, perguntas impertinentes –, primeiro na escola e depois na própria capela mortuária, onde a falta de silêncio e de recato feriu ainda mais o luto. Não houve crueldade deliberada; houve falta de

linguagem. Perante a perda, não reconheceram que o silêncio podia ser a única forma de respeito possível. A escola acolhe jovens sem linguagem, e o professor permanece num lugar ambíguo: inimigo e, muitas vezes, a única referência física disponível.

Quando o Padre António Vieira, no *Sermão da Sexagésima*, afirma que, ao ouvir um pregador, saía “contente com o pregador” e, ao ouvir um outro, saía “descontente consigo”, estabelece uma distinção decisiva entre o discurso que agrada e o discurso que implica. O primeiro conforta, confirma, seduz; o segundo desloca, inquieta, responsabiliza. Esta diferença ajuda a ler tanto *Class Enemy* como a escola de hoje. Muitos discursos educativos – bem-intencionados, inclusivos, flexíveis – deixam-nos satisfeitos com quem fala, mas são ocos; saímos deles intactos. Falta-nos o discurso que nos obrigue a reconhecer o vazio, a desigualdade, a violência e a nossa parte – por ação ou omissão – nesse quadro. *Class Enemy* não deixa ninguém “contente com a peça”; deixa-nos desconfortáveis connosco e com a escola que ajudamos a construir. Como o pregador de Vieira, não oferece consolo, mas responsabilidade. Na escola, o lugar do professor não é o de produzir discursos agradáveis, mas o de sustentar perguntas que não nos deixam em paz.■

* Professora de Português no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto.



Nos recantos mais desesperados do mundo

Escrevi *Class Enemy* em 1976, o ano em que nasceu o meu filho mais velho. Esta peça muito simples sobre alguns estudantes do sul de Londres tem impressionado e seduzido plateias do Brasil à Finlândia. Os alemães parecem particularmente interessados nela, talvez por ter sido encenada por Peter Stein, na Schaubühne, em Berlim.

Trata-se de uma peça com um elenco curto e um único cenário, e embora todas as personagens sejam masculinas tem sido também representada, com algum sucesso, por mulheres.

Escrevi a peça quando morava em Brixton, observando o pequeno jardim em frente de nossa casa, onde um grupo de crianças das Antilhas brincava com paus e tampas de caixotes do lixo. Olhei para elas da minha secretária, onde escrevia, e dei por mim a imaginar como seriam as suas vidas. Ouvia também o meu filho pequeno a chorar no andar de cima e perguntei-me como seria a vida dele num mundo que parecia ter esquecido por completo os valores que o meu pai me ensinou.

O meu pai era diretor de uma escola secundária no norte de Londres, e uma das minhas memórias

de infância mais fortes é o orgulho e entusiasmo com que ele falava sobre alunos que eu só conhecia de nome. Talvez por isso esta peça seja sobre educação e o valor e importância da busca de conhecimento nos recantos mais iletrados e desesperados do mundo.

Embora as minhas personagens barafustem com uma paixão que pode ser fisicamente assustadora, também dedicam uma parte dessa mesma paixão à procura do que deveria estar no topo das prioridades de todas as escolas, acima das reuniões de pais e professores, do politicamente correto e dos bons resultados nos exames: a busca de conhecimento. Se isto não estimular um debate vivo, em especial nas escolas onde uma larga maioria dos alunos se pergunta o que c... está ali a fazer, não sei o que mais pode estimular.

NIGEL WILLIAMS

Excerto adaptado do prefácio da edição de *Class Enemy* da Faber and Faber (Londres, 1995).

Trad. Rui Manuel Amaral.

APOIO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública

EDIÇÃO

Teatro Nacional São João

coordenação

Rui Manuel Amaral

fotografia

José Caldeira

design gráfico

Scatic

impressão

Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intérpretes
como para os espectadores.

"Nós somos o sonho concretizado de qualquer assistente social."

O TNSJ É MEMBRO



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO



UNIAO TEATROS EUROPA

11ZERO2

ta
teatro
aveirense

AVERO
CÂMARA
MUNICIPAL

casa
das artes
familiar

Com o apoio de:

